

X Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXV Jornadas de Investigación XIV Encuentro de Investigadores en Psicología
del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2018.

Afetos e subjetividade mediados pela tecnologia digital.

Beviláqua, Maria Heloísa De Oliveira,
Carvalho, Lusanir y Brochier, Jorgelina.

Cita:

Beviláqua, Maria Heloísa De Oliveira, Carvalho, Lusanir y Brochier, Jorgelina (2018). *Afetos e subjetividade mediados pela tecnologia digital*. X Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXV Jornadas de Investigación XIV Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-122/685>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ewym/wfw>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

AFETOS E SUBJETIVIDADE MEDIADOS PELA TECNOLOGIA DIGITAL

Beviláqua, Maria Heloísa De Oliveira; Carvalho, Lusanir; Brochier, Jorgelina
Univesidade Estácio de Sá - Universidade Veiga de Almeida. Brasil

RESUMEN

El presente trabajo tiene como premisa orientadora analizar y proponer reflexiones sobre el atravesamiento de las redes sociales en el modo de pensar, actuar y reaccionar del sujeto contemporáneo. Para alcanzar ese objetivo fue desarrollada una investigación de carácter bibliográfica y documental. Con esta propuesta, se analizaron diferentes perspectivas teóricas añadidas de ejemplos ilustrativos recogidos de fragmentos de mensajes de usuarios que hacen uso incesante de Facebook. En las consideraciones finales se subrayó que el mundo virtual nos remite a nuevos afectos y relaciones sociales mediadas por la tecnología. Así, nuevas formas de subjetividad van siendo construidas y producidas y, un nuevo sujeto emerge en ese contexto. En este escenario, se resalta que el profesional de psicología, en su saber - hacer debe estar atento y comprender el alcance de las transformaciones ocurridas a partir de la virtualidad y sobre posibles impactos causados en la producción de subjetividad y, consecuentemente, en las relaciones entre los individuos.

Palabras clave

Subjetividad - Afectos - Virtualidad - Psicología

ABSTRACT

AFFECTS AND SUBJECTIVITY MEDIATED BY DIGITAL TECHNOLOGY: THE EMERGENCE OF A NEW SUBJECT

This work aims to analyze and propose some reflections on the crossing over of social networks in relation to the contemporary subject's way of thinking of aging and reacting. To reach such an objective, a bibliographic and documentary research has been made. With this proposal different theoretical perspectives have been analyzed together illustrative examples which have been collected through of mailing fragments of incessant Facebook users. At the final considerations it was emphasized that the virtual world leads us to new affects and social relationships mediated by the technology. As for that, new forms of subjectivity are being constructed and produced, so that a new subject appears in this context. On this scenary it has been emphasized that the professional of psychology within his know-how must be mindful for understanding the reach of the transformations ocurred from the virtuality and possible impacts on the subjetivity production, and then on the individual relationships.

Keywords

Subjectivity - Affects - Virtuality - Psychology

Introdução

O objetivo do artigo é propor reflexões acerca das relações sociais, afetos e produção de subjetividade mediadas pelos múltiplos dispositivos digitais de comunicação. Neste sentido, o presente trabalho tem como premissa fundamental que a maneira de pensar, sentir, agir e reagir é atravessada pela mediação das novas tecnologias, onde as redes sociais se destacam como espaço de produção de subjetividade.

No mundo virtual, supostamente, somos livres para expressar quem somos: o que pensamos, sentimos, fazemos ou almejamos. Contudo, usualmente, trata-se de uma liberdade aprisionada ao crivo legitimador do outro (Rosa & Santos, 2015). Assim, este trabalho tem como questão norteadora discutir se a contínua exposição nas redes sociais, traduz a modulação de uma subjetividade que, ao ser visível, torna-se cada vez mais invisível para si e para o outro. Para analisar essa questão foi desenvolvida uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental. No que tange à pesquisa bibliográfica foram utilizadas diferentes fontes, entre as quais, Rolnik (1997, 1995), Santaella (2007), Beviláqua (2000) e Rosa e Santos (2015). Já a pesquisa documental buscou apresentar exemplos ilustrativos sobre as temáticas abordadas e, para tanto, valeu-se de postagens realizadas por diversos usuários que fazem uso incessante do Facebook, entre os meses de julho a dezembro de 2017.

O Impacto das redes sociais na produção de subjetividade

Na contemporaneidade, as relações das pessoas com o mundo e com elas próprias são mediadas pelas tecnologias digitais de comunicação e de informação. Essas tecnologias produzem, continuamente, novos caminhos em um mundo complexo, veloz, constituindo dispositivos que atingem a construção de subjetividade.

Conforme salienta Alves (2006, p. 51), o atual modo de produção coloca a criação de produtos como comunicação, “sua distribuição e consumo como marco ordenador das relações econômicas e sociais contemporâneas, por meio da estimulação de uma crescente demanda pelos insumos tecnológicos”. Assim, os usuários, ao serem expostos ao limite tênue entre o “real” e o “virtual”, encontram, não apenas atalhos, mas também encruzilhadas para se reinventarem, construindo novas subjetividades através da interação social. Nicolaci-da-Costa (2004) compara as múltiplas transformações introduzidas por essas novas tecnologias àquelas causadas pela Revolução Industrial ao longo dos séculos passados, que promoveram outra forma de agir, pensar e se relacionar no mundo.

Constata-se que, no mundo virtual, o sujeito não corresponde ao sujeito clássico, visto que os modos de subjetivação se modificam através do espaço e tempo. A internet nos trouxe outras perspectivas de subjetivação, em que a todo momento definimos e redefini-

mos nossos papéis, nossos afetos e a relação com o outro.

A Internet, com sua magia hiperdimensional, nos possibilita um atalho para as relações humanas (Bevilaqua, 2002). A rede social potencializou a construção de identidades múltiplas, flexíveis e globalizáveis, criando o desafio de percepção do outro. Com a eliminação do corpo, ocorre a virtualização da subjetividade. Podemos construir corpos híbridos e *personas* nos ambientes virtuais, pulverizando e globalizando as identidades.

Fotos bem iluminadas, manipuladas e cuidadosamente selecionadas são postadas e adequadas a uma autoimagem idealizada nas redes sociais e nos sites de relacionamento.

São criadas imagens elaboradas, feitas pelo sujeito para a aprovação e reconhecimento do outro. Que, não necessariamente, correspondem à sua imagem “real”. Em alguns casos, quando acontece o encontro no “mundo real”, há um profundo estranhamento por parte de um ou de ambos os sujeitos, não havendo reconhecimento do outro em sua apresentação pessoal. Neste encontro com o “mundo real”, há o perigo de levar a um processo de desestabilização identitária; caso não se consiga produzir o perfil idealizado, produz-se então um esvaziamento da subjetividade.

Segundo Turkle (1995), na “vida real” vivemos papéis múltiplos e, ao concebermos a nossa identidade como múltipla, desempenhamos papéis diferentes a cada momento e situação específica. Porém, esses papéis estão limitados às condições sociais concretas. A Internet torna essa multiplicidade mais intensa e acessível, sendo uma tecnologia capaz de viabilizar e otimizar essa multiplicidade do sujeito e, simultaneamente, a tendência para valorizar a uniformidade.

De acordo com Santaella (2007), a internet “é rodeada de ambiguidades, geradas, por exemplo, pelo potencial para o anonimato, para construções múltiplas de “eus” e identidades nos espaços plurais que a internet propicia” (p.83).

Guattari e Rolnik (1986) apontam para uma desterritorialização dos corpos, na medida em que a virtualidade permite uma espécie de possibilidade infinita de comunicação que retira os indivíduos de seus corpos, suporte indispensável de uma subjetividade ancorada no campo social e representante de referências sociais. A virtualidade permitiria uma espécie de mágica que retira do sujeito aquilo que o sustenta enquanto ser social e que se defronta com as impossibilidades da vida, um corpo marcado por seus limites de espaço e tempo (Bevilaqua, 2000).

A cada momento surgem novas modalidades de interação através das “janelas” da internet, que ampliam possibilidades de estar no mundo, além das incontáveis formas de interação já existentes, tais como: *blogs*, serviços de mensagens, *facebook*, bate-papo *online*, *Twitter*, *WhatsApp*, *LinkedIn* e fóruns de discussão.

Essas dinâmicas permeiam a constituição e organização das formas de subjetividade. Elementos sociais e culturais, tais como o crescente uso das redes sociais, a globalização, a virtualidade, estão produzindo efeitos no campo subjetivo, indicando desterritorialização dos corpos e das relações entre os indivíduos.

Com o advento da virtualidade, as formas de relação intersubjetivas possibilitam comunicação e troca de informações entre pessoas de diferentes culturas, provocando naturalmente mudanças em vários campos e parecendo constituir um novo ordenamento das relações

interpessoais.

Por sua vez, a quantidade associada à instantaneidade de informações e de comunicações, usualmente, gera obstáculos ao seu processamento. Provoca, portanto, a não informação, no sentido da reflexão e do pensamento crítico. Em função disso, a possibilidade de compartilhar ideias e afetos divergentes tem gerado, ao invés de interlocução, o acirramento da intolerância diante da cultura do outro, banalizando discursos de ódio. Essas considerações estão articuladas com os seguintes depoimentos:

Se você não concorda com o que posto, deixe de me seguir no face. Imagina se eu vou gostar de uma pessoa que não gosta de mim: eu quero que ela morra. Encontramos também: *Você não entende nada! Seu comunista imbecil: Vai morar em Cuba!. Esse pessoal dos direitos humanos é assim, protege bandido e quer matar os policiais.* Outro exemplo: *Vou tirar os “petralhas” do meu face: além de burros são estúpidos.* Diante desse registro, alguns “petralhas” respondem com mesma reação: *Vou bloquear os “coxinhas”:* *eles querem ter a verdade, não sabem dialogar.* A coexistência de múltiplas e ambivalentes opiniões salienta a fragmentação e pluralidade de identidades na contemporaneidade.

Assim, na multiplicidade, também existem a normatização e a imposição do monólogo. Rolnik (1995) apontava que “não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia e, reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetivação que funcione segundo esse perfil” (p. 29).

Ainda, de acordo com Rolnik (1997), a subjetividade habita em meios diferentes, ou seja, nos meios profissional, familiar, econômico, político, cultural, informático. Esses meios variam ao longo do tempo e combinam de diversas maneiras. Outras forças entram constantemente em jogo, misturando-se às já existentes. Não é passível de totalização ou de centralização do indivíduo. Está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: é essencialmente social, assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares.

O sujeito contemporâneo está inevitavelmente inserido num contexto de transformações intensas, que se movimentam de maneira vertiginosa, ou seja, as transformações contemporâneas geram novas produções de subjetividade.

Personagens confusas e distraídas vagueiam por esses mundos sem um claro sentido de organização, imaginando: em que mundo estou e qual das minhas personagens exibo? [...] nesse ponto encontramos (..) a busca de uma identidade coletiva e pessoal, à procura de comportamentos seguros num mundo cambiante (Harvey, 1996).

Nossa subjetividade, como concebemos no tempo e espaço, parece estar se perdendo, e temos, em seu lugar, vários vetores construídos por uma ordem mundial que abre novas instâncias individuais e/ou coletivas, fazendo emergir novos territórios existenciais.

A emergência de um novo sujeito

Segundo Guattari e Rolnik (1986), o indivíduo está na encruzilhada dos múltiplos componentes da subjetividade, isto é, colocando em xeque seus habituais contornos. Neste sentido, para os autores, os indivíduos são resultados de uma produção de massa, e, portanto, registrados, modelados. Ao pensar/sentir de maneira serializada,

assiste, sem questionamento, à dinâmica de reconstrução de sua própria imagem.

Com as redes sociais, a “subjetividade é inseparável dos dispositivos de visibilidade” (Bruno, 2004). O mundo contemporâneo exige que mostremos para o público a nossa privacidade. No entanto, o que se mostra é aquilo que, naquele momento, parece aceitável ao outro. A esse respeito, Tucherman (2017) comenta: a invisibilidade na visibilidade permeia todos os acessos, que incluem a criação do perfil. Neste caso, existe a dúvida: devo responder quem sou ou devo registrar o que devo ser para ter sucesso na rede?

Tal apresentação é pautada em dúvidas e dilemas, na medida em que a pessoa, para se tornar visível, necessita ser escolhida e, portanto, deve construir algo que possibilite o sucesso através de curtidas ou da formação de seguidores fiéis e participativos.

O excesso de visibilidade nos torna cada vez mais invisíveis para o outro e para nós mesmos. Assim, nos encontramos através das comparações de perfis constantemente construídos e reconstruídos e nas interações “com especialistas que produzem sites e blogs para divulgação de serviços” (Da Silva et al., 2017).

Cabe lembrar Ascot (como citado em Tucherman, 2017, p. 1) quando afirma: “Eu sou na medida das minhas conexões”. Isto significa que, no contemporâneo, a existência da pessoa está vinculada à sua participação nas redes sociais. Se nada é postado ou compartilhado é como se não tivesse existido. Sobre essa existência a partir das conexões, podem ser apontados os seguintes registros:

Você não posta nada no Face! Ou: Ficou esquisito; Clotilde disse que viajou, mas não postou nada, nenhuma foto, nenhum comentário. Se não a conhecesse, diria que era mentira.

Por conseguinte, para estarmos em conformidade com a maioria, postamos quaisquer fotos, sejam dos animais de estimação, das comidas que comemos, dos filhos, dos namorados e, especialmente, da paisagem que não vimos porque estávamos preocupados em fotografar. Assim, a virtualidade passa a criar o cotidiano não vivido, e a nossa privacidade, ao tornar-se pública, é apenas uma forma de comunicar ao mundo que existimos. Em síntese: um dia sem postar nenhuma foto ou comentário transforma-se em um dia que não existiu. Importante observar que os sentidos de amizade e o significado de ser/ter amigos foram transformados no *Face*. Essas categorias passaram a ser vivenciadas em função do total de curtidas e seguidores. Nessa perspectiva, o número de amigos traduz a popularidade e, geralmente, produz sentimentos equivocados: o ser estimado é pensado (e sentido) como sendo sinônimo de ser visível. Precisamos de muitos “likes” em nossas postagens para confirmarmos nossa visibilidade e a importância para o outro. Tal como nas seguintes postagens:

Para aqueles que não curtem nada do que posto, só posso dizer: que pena. Ou ainda: Vejam a minha novo foto de perfil. Estou linda! Recebi tantos likes e comentários que até perdi a conta. Outro exemplo: Sou linda e poderosa. Para mim: beijinho no ombro e cuidado com a inveja!! KKKK!!!. Há também aqueles que colocam: Sou feliz, coloco a minha felicidade no face e a cada like que recebo fico mais feliz!

As redes sociais são entendidas, por algumas pessoas, como uma espécie de vitrine, temos que “vender” nossas postagens e imagens para o maior número possível de seguidores. Sentimo-nos

ofendidos com a falta de *likes* de nossos “amigos”. Há um esforço para atrair e cativar o público. Mostrando felicidade, também uma eventual infelicidade, esperando consolo, apoio e elogios.

A busca por uma suposta felicidade idealizada e plena é uma das formas de proteção ao sofrimento que faz parte do cotidiano contemporâneo. Quando os comentários são favoráveis, o orgulho e a necessidade de aprovação são satisfeitos. Se há poucas curtidas, há o sentimento de que não somos aprovados e não temos importância para o outro.

Uma realidade social é criada pelo sujeito, mostrando fatos que validem como é especial, tem muitos amigos e sua importância. No mundo virtual, tudo pode e parece se encaixar, as fotos são as mais bonitas, as histórias da linha do tempo contam a parte interessante de si mesmo, segundo Giardelli (2012): “todo mundo deseja uma vida perfeita, mesmo que seja virtual” (p. 17).

As redes sociais acabam, muitas vezes, promovendo uma intensa dependência da aprovação alheia, porque a necessidade de sentir que se é amado, admirado e invejado vem da ânsia de querer ser o objeto de desejo do outro. (Barros Júnior, 2014)

Na versatilidade da rede o sujeito pode, ainda, manifestar a multiplicidade de aspectos afetivos, além dos padrões preestabelecidos, livres do olhar e da censura social. As experiências são ilimitadas na rede, dependendo apenas daquele que a vivencia.

A esse respeito, de forma sintetizada, podem ser categorizadas duas vertentes antagônicas que analisam o impacto das redes sociais nas construções identitárias. A primeira considera que a exposição e a interação nas redes apontam para a necessidade de criar uma identidade “ideal”, “perfeita” e “socialmente desejada”. Neste caso, a exposição traduz uma tentativa de ser visível e acessível ao outro, movimento pautado na modelização da subjetividade.

Tal posição é problematizada por outros autores, entre os quais: Rosa e Santos (2015) e Margarites e Sperotto (2011). Nesta perspectiva, defende-se que as redes sociais, ao mesmo tempo que impõem determinados modos de ser, também nos ofereçam espaços para que possamos produzir outros modos de sensibilidades, de afetar e de ser afetado pelo outro.

Para fundamentar esse argumento, destacam que a subjetividade é compreendida como sendo um fluxo contínuo de modos de existir que é produzido no entrecruzamento das interações sociais, sendo possível produzir subjetividades que escapem às modelizações dominantes do mundo hiperconectado das redes sociais. Com esta perspectiva, defendem que a criação de múltiplos perfis e postagens equivalem a “um exercício e a uma experimentação de si mesmo no ambiente virtual” (Rosa y Santos, 2015). Nesse espaço de experimentação incessante, as múltiplas conexões podem engendrar novos modos de relação com o outro que, por sua vez, potencializam a inventividade criativa, produzindo processos de singularização (Margarites & Sperotto, 2011).

Para finalizar, cabe pontuar que a discussão acerca dessas duas vertentes é de extrema importância para o psicólogo, uma vez que abordam o impacto das redes sociais na modalização ou singularização da subjetividade. Cabe a nós, psicólogos, colocar em pauta a discussão sobre o que esperamos da tecnologia e o que esperamos das pessoas. Deste modo, ressalta-se a importância de que os profissionais de psicologia se apropriem dessas temáticas, caso

contrário, poderão desenvolver práticas e saberes descontextualizados desse novo sujeito múltiplo, que tanto pode ser modelado ou singularizado, com e através das conexões nas redes sociais.

Considerações finais

A virada do século XX foi marcada por intenso progresso tecnológico. Cabe à Psicologia o papel de investigações aprofundadas sobre o impacto que essas mudanças provocaram e continuam provocando nos indivíduos, nas relações, nos afetos e na produção de subjetividade. Nesse sentido, o saber psicológico não se fecha em nossos conhecidos campos de estudo, mas deve dialogar com outros saberes promovendo novas formas do saber fazer do psicólogo, contextualizado com a produção de subjetividade desse novo sujeito. Há, na contemporaneidade, a emergência de que a Psicologia sistematize conhecimentos dessa nova subjetividade e pautе suas práxis nesses novos modos de construção do sujeito.

REFERÊNCIAS

- Alves, P.P., & Mancebo, D. (2006). Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia* (Natal), 11(1), 45-52. Doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2006000100006>
- Barros Junior, A.C. de (2014). *Quem vê perfil não vê coração: a ferida narcísica de desempregados e a construção de imagens de si no Facebook e no LinkedIn*. (Tese de Doutorado), Instituto de Psicologia, Psicologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-28052014-110956/pt-br.php>.
- Bevilaqua, M.H. de O. (2000). *Ciúme e Traição Virtuais: Velhos Sentimentos em Novos Ambiente. Um Estudo Exploratório*. (Dissertação de Mestrado). Psicologia Social, Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Bruno, F. (2004). Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. *Revista Famecos*, N°. 24. Porto Alegre.
- Da Silva, C.M., Pereira, D.F., Mello, L.N., Pecoraro Junior, S. Botelho, R.W. M, y Carvalho, N.M. (2017, outubro). Práticas psis online e produção de subjetividade. *Anais do VII Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade*, 2(gt32):1-9. Brasília, DF, Brasil, Recuperado de http://esocite2017.com.br/anais/beta/trabalhoscompletos/gt/32/esocite2017_gt32_cristianeMoreiraDaSilva.pdf. ISSN / 1808-8716
- Giardelli, G. (2012). *Você é o que você compartilha: e-agora: como aproveitar as oportunidades de vida e trabalho na sociedade em rede*. São Paulo, SP: Gente.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (1986). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Harvey, D. (1996). *Condição pós-moderna*. 2ª ed. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Margarites, A.P.F., & Sperotto, R.I. (julho, 2011). Subjetividade e redes sociais na Internet: Problematizando as novas relações entre estudantes e professores na contemporaneidade. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, v. 9, n. 1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Nicolaci-da-Costa, A.M. (2004). A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(1), 82-93. Doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932004000100010>
- Rolnik, S. (1995). À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. In: M.C.R. Magalhães (Coord). *Na sombra da cidade* (pp. 141-170). São Paulo, SP: Escuta.
- Rolnik, S. (1997). Toxicômanos de Identidade - subjetividade em tempo de globalização, in: D. Lins. (Coord). *Cultura e Subjetividade - saberes nômades*. São Paulo: Papyrus.
- Rosa, G.A.M., & Santos, B.R. dos. (2015). Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(4), 913-927. Doi: <https://dx.doi.org/10.9788/TP2015.4-09>
- Santaella, L. (2007). *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus.
- Sibilia, P. (2008). Em busca da aura perdida: espetacularizar a intimidade para ser alguém. In: H. Henrique (Coord). *Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída*. Rio de Janeiro, RJ: Mauad X
- Tucherman, I. (2017). Subjetividade contemporânea, dispositivos móveis e afetos. *Revista Dispositiva*, v. 6, n. 9, 2017. Recuperado de: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/P.9967.2017v6n9p1/11622>.
- Turkle, S. (1995). *Life on the screen: identity in the age of Internet*. New York: Touchstone.